

*Isabel C. S. Vargas*



## ÍNDICE

A VIDA E AS ESTAÇÕES	03
SORTE SELADA	04
DESTINO	06

## A VIDA E AS ESTAÇÕES

O sol aparece e levanta meu ânimo. Aquece minha alma e clareia as manhãs de minha vida, tão gélidas durante o inverno.

Gosto do sol como gosto da primavera. Tudo parece mais proporcional, sem exageros, dando a dimensão exata para as coisas. Temo os exageros. Podem causar grandes alegrias como também grandes dores. E estas são mais intensas. Não conseguimos arrancar do peito.

Posso dizer que o outono também é belo. Bom de viver, porém não tem o encanto e o desabrochar da primavera. Esta é mais esperançosa. Prenuncia coisas novas. Induz à renovação.

Já o outono nos dá um sabor meio amargo. É mais nostálgico.

É como me sinto agora, no outono de minha vida. As folhas são como meus cabelos. Não tem mais o vigor de antigamente. A sensação que tenho no outono é que coisas piores acontecerão. Não gosto do frio. Assemelha-se ao meu espírito nos piores dias, quando não consigo antever nada de bom. Tenho a sensação de perda.

O inverno e o verão, embora opostos me dão idéia de juventude. Ambos são plenos, intensos. Vejo neles os exageros da juventude. Inconseqüentes, irresponsáveis. Denotam coisas que podem ser avassaladoras, que podem explodir inesperadamente.

Ao pensar neles revivi meus anos de juventude. Povoados de sonhos, de encantamento e também de incertezas. No verão rememorei a época em que não tinha medo de desnudar o corpo e a alma.

No inverno recordei os momentos em que temerosa dos atos praticados ou na incerteza do futuro me encolhi com medo de enfrentar as agruras da vida.

Acharei um momento em que conseguirei equilibrar isto tudo dentro de mim, sem exageros e sem medo e que me permita apenas viver e ser feliz?

Isabel C.S.Vargas

**“O Tempo me ensinou a não acreditar demais  
na morte nem desistir da vida”**

**Lya Luft**

## **SORTE SELADA**

Era uma tarde de sol muito quente. Dava uma lerdeza danada no corpo. Só o que andava rápido e solto era o pensamento. Tudo mais parecia se arrastar. Avida... Os dias todos muito iguais, repetidos, arrepiantes de tão chatos. Novidade... Até esquecera o que era uma novidade .

Já nem sabia por onde andava aquela menina moleca que sonhava com uma vida muito diferente daquela. Queria aprender música, tocar em locais distantes dali, brilhar nos saraus, casar com aquele seu professor de piano e com ele ganhar esse mundão de Deus. Aliás, nem sabia se ela existira realmente. Ou se tendo existido já estava morta.

Não tivera escolha, a pobre. Quando percebera o pai já tinha decidido. Fora escolhida para casar com o primo. Coisas de conveniências, manterem patrimônio, essas idéias práticas, lógica de homem pela qual ela nem se interessava muito.

Sua sorte fora selada tal qual dos bois da fazenda. Uns para corte, outros para a lida. Todos marcados, no couro e no destino. Sentia-se igualzinha a eles. Todo dia fazia a mesma coisa.

E os sonhos? Já nem lembrava se os tivera mesmo. Se eram seus.

Olhava-se no espelho e não se reconhecia. Era o fantasma de si mesma. Esse fantasma que a aterrorizava e mostrava que a morte dos sonhos era a morte da alma.

Então... morta ela se sentia...

Sentia-se igual a tudo em sua volta. Propriedade alheia. Sem passado, sem presente, sem alma, sem futuro.

Foi, então, que o alarde das crianças lhe tirou do torpor em que se encontrava.

Não é que algo estava acontecendo lá fora?

E o que se passou diante de seus olhos gelou o sangue em suas veias, embora o calor reinante lá fora.

Não é que Cabiúna, o boi que ganhara o mundo tinha voltado?

Como pudera ter voltado depois de sentir o gosto da liberdade? De viver sem patrão? De pastar em outras pradarias? De estar livre da canga e do relho?

Será que não sabia mais viver por sua própria conta? Será que precisava que lhe dessem um sentido para sua existência? Será que só tinha vida a serviço do seu dono?

Não tinha vida fora disso?

E o pior estava acontecendo ali. Estavam tirando-lhe o que restava de vida.

Podia o homem ser o Senhor da Vida e da Morte?

Sentiu as lágrimas escorrerem em sua face.

Sentia-se tal qual o boi velho.

Onde estava o sentido de tudo? Na vida? Na morte? Nos dois? Em nenhum dos dois?

Percebeu que o sentido de tudo talvez estivesse nela mesmo. Em reencontrar a vida dentro dela.

Foi preciso um choque para lhe mostrar que tudo dependia dela. No que podia fazer daqui para frente.

Reencontrou o que julgara perdido para sempre.

A esperança...

Não ia esperar para tirarem-lhe o couro também.

Isabel C.S.Vargas

## DESTINO

Restaurante, personagem irreal, rua, chuva, relâmpagos, tormenta, medo, táxi, hotel...

Descanso...

Beatriz adormeceu.

Sonhos, lugares conhecidos, verões agradáveis na companhia de amigos.

Formaturas, conquistas.

Viagem à Paris ao lado de Antenor.

Alegrias.

Tudo se misturava com brigas diárias, rotina, desejo de fugir.

Não sabia onde se encontrava.

Uma estrada estreita, de barro vermelho surge à sua frente.

Encontra-se na zona rural.

Ouve o barulho de água a correr entre as pedras. Mata verde. Ar puro.

Respira profundamente.

Pássaros cantam. Lugar calmo e convidativo.

Salta entre as pedras. Atravessa o arroio. Arrisca-se. Embrenha-se na mata.

Caminha até a exaustão.

Surgem caminhos à sua frente.

Olha para trás. Não dá para retornar. Tem que seguir em frente.

Que caminho tomar? Fica em dúvida, como em toda sua vida.

Sente medo. Este sentimento também é conhecido. - Droga! Tudo igual.

Realidade e Sonho.

Corre, tropeça. Cai.

ACORDA!

Respiração ofegante, suor, novamente o medo. Abandono.

Levanta-se. Vai à janela. A chuva cessou.

O sol retorna tímido.

Sua esperança também.

Isabel C. S. Vargas

[icsvargas@gmail.com](mailto:icsvargas@gmail.com)